

ENSINO & PESQUISA

ISSN 2359-4381

Aprendizados de crianças pequenas no jogo dramático

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi¹

Resumo

O artigo enfoca o jogo dramático da criança pequena de até cerca de sete anos de idade considerando seus processos complexos de aprendizado. Apresenta ideias-chave e definições deste tipo de jogo, as materialidades utilizadas, e enfoca no que crianças pré-verbais e verbais estão aprendendo em termos de engajamento, conhecimento narrativo, criação de laços interpessoais, estabelecimento de relações sociais com benefícios de aprendizado emocional, o que impacta em sua personalidade reflexiva, tomada de perspectiva, compreensão cultural e resolução de problemas. A metodologia envolve a revisão da literatura em fontes primárias e apresentação de palestra com sugestão de um exercício prático pensado para docentes da Educação Infantil. O levantamento bibliográfico conta com pesquisas contemporâneas, sustentadas pela abordagem histórico-cultural. Os resultados revelam que o jogo dramático é ação simbólica profundamente sociocultural e criativa, que acessa aspectos cognitivos, emocionais, interpretativos e relacionais nascentes das crianças em contextos variados. É um fazer criador compartilhado mesmo quando uma criança brinca sozinha, pois seus temas, papéis encenados e cenários envolvem a apropriação de material sociocultural pela criança, que os apreende e recria.

Palavras-chaves: Jogo dramático, Jogo de faz de conta, Educação infantil, Crianças, Aprendizagem.

Small children's learnings in dramatic play

Abstract

The article focuses on the dramatic play of small children up to seven years of age, considering their complex learning processes. It presents key ideas and definitions of this type of play, the materialities used, and focuses on what pre-verbal and verbal children are learning in terms of engagement, narrative knowledge, creating interpersonal bonds, establishing social relationships with emotional learning benefits, which impacts their reflective personality, perspective taking, cultural understanding and problem solving. The methodology involves a review of the literature in primary sources and presentation of a lecture with a suggestion of a practical exercise designed for teachers of Early Childhood Education. The bibliographic survey relies on contemporary research, supported by the historical-cultural approach. The results reveal that the dramatic play is a deeply sociocultural and creative symbolic action, which accesses the cognitive, emotional, interpretive and relational aspects that are born in children in different contexts. It is a shared creative doing even when a child plays alone, as its themes, staged roles and scenarios involve the appropriation of sociocultural material by the child, who apprehends and recreates them.

Keywords: Dramatic play, Make-believe play, Early childhood education, Children, Learning.

¹ Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Mestre e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), *campus* Sorocaba. Líder do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6978-864X> CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5697508831302188> E-mail: lucialombardi@ufscar.br

Introdução

“Começo reconhecendo que as águas e a terra em que nos reunimos são território tradicional e ancestral dos povos indígenas brasileiros. Agradeço pela oportunidade de estar aqui, respeitando as culturas, história e tradições, aprendendo e compartilhando esperanças sobre educação, artes e amizade.”²

A saudação na epígrafe tem dado abertura aos trabalhos que realizo com intuito de situar no ofício docente o lugar do respeito àquilo que recebemos de nossos ancestrais, como também de manter viva a discussão sobre decolonização e colonização em lugares estratégicos, tais como na pesquisa, como propôs Jaider Esbell (2018). Conforme este artista-pesquisador, como a colonização é densa, forte e permanente, nossos movimentos de desconstrução precisam da mesma forma ser um ato contínuo de deslocamento dos modos de ser e pensar, abandonando papéis colonizados e adentrando cosmovisões com outras respostas possíveis. Assim, sugere Esbell (2018, p. 13):

Sem adentrar as portas das cosmovisões dos povos originários não há como discutir decolonização. Sem considerar as culturas mexidas e hoje abertas para a discussão com parte humana representada não há como discutir fronteira alguma.

Além do respeito, o reconhecimento confesso a quem veio antes de nós expressa gratidão a quem atravessou o tempo e refletiu sobre modos de vida, modos de existir e de resistir. Nossa geração não inaugurou os saberes do mundo, nem tampouco os conceitos que agora estudamos. No ato de caminhar, percebemos certas necessidades em nossos contextos de trabalho e, assim, levantamos de novo notórias questões que já foram investigadas por outros povos, de outras formas. Em se tratando dos esforços por uma educação voltada à humanização do ser humano buscamos, em essência, continuar a contribuir com o empenho de pesquisadoras(es) que nos antecederam na luta pelo direito de que vidas mais dignas desde a gestação possam florescer sendo quem são e o que sonham ser, condizentes às realidades do tempo atual das crianças e jovens, no sentido de atender melhor às necessidades sociais, que vão se transformando.

² No artigo a saudação é ampliada a todos os povos indígenas. No site do Grupo de Pesquisa www.giape.ufscar.br a referência é feita de forma específica à cultura Tupi-Guarani por ser este o histórico indígena do território no qual se localiza o *campus* da cidade de Sorocaba, S.P., da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

É por esta razão que, permeando os objetos de pesquisa que investigo, me dedico desde o período de Mestrado realizado a partir de 2002 a valorizar as jornadas de pesquisadoras(es) que problematizaram, fortaleceram, transformaram e propiciaram avanços conceituais e metodológicos nos campos interdisciplinares da Educação, das Culturas e das Artes. Quando isto se dá abordando especialmente os trabalhos de mulheres, ao fazer um exercício de escrita feminista de mulher sobre mulheres, como fiz em Lombardi (2016) – sobre a prática docente de Tizuko Morchida Kishimoto –, em Martins e Lombardi (2020) – sobre as professoras pioneiras das Artes Visuais no curso de Pedagogia: Mariazinha Fusari, Ana Angélica Albano, Ana Luiza Ruschel Nunes, Analice Dutra Pillar e Susana Rangel Vieira da Cunha – ou em Lombardi (2022b) – sobre projetos formativos de Eugênia Thereza de Andrade, Cybele Cavalcanti, Neide Neves, Ingrid Koudela e Maria Lúcia Pupo – o objetivo é reconhecer de maneira especial sua coragem e suas conquistas no passado, fortalecer-nos hoje, bem como ajudar crianças-meninas, de modo a poderem trilhar caminhos futuros de maior desestabilização de hierarquias de gênero e de poder que tanto nos feriram.

Logo, o texto trata de pesquisas recentes que enfocam o papel do jogo dramático no processo mais amplo e complexo de aprendizado da função simbólica, mas o faz por constante influência de pesquisadores(as) antecessores(as) que apontaram para a complexidade deste brincar como um conceito-campo que contempla abordagens múltiplas, convergindo a diálogos atuais entre a Pedagogia do Teatro e a Pedagogia da Infância. Em outros momentos abordei as pesquisas de Peter Slade (1978), Antônio Nóvoa (1979, 1989), Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2002, 2009), Maria Lúcia Pupo (2005), Joana Lopes (2017), Edda Bontempo (2005), Corsaro (2002).³ O presente artigo apresenta ideias-chave e definições do jogo dramático infantil, enfocando o que crianças pequenas pré-verbais e verbais estão aprendendo durante o jogo dramático em termos de engajamento, criação de laços interpessoais, reflexão e conhecimento narrativo, com base principal em Claudia González-Moreno (2015, 2022), Nicolopoulou (2018), González-Moreno, Solovieva & Quintanar (2009, 2014), Dunn (2008), Nicolopoulou e Ilgaz (2013), Barrs, Barton e Booth (2012); Booth (2005); Altidor-Brooks, Malec e Peterson (2020), Brèdikytė; Brandišauskienė; Sujetaitė-Volungevičienė (2015), com sustento contínuo da abordagem histórico-cultural de Vigotski (2018).

³ Ver “A expressão dramática da criança transborda e provoca as pedagogias” (LOMBARDI, 2022a).

Caminhos metodológicos

Na tradição acadêmica brasileira existe uma característica geral, com poucas exceções até então, de que nos cursos de Licenciatura em Pedagogia há poucas disciplinas de Arte, e nos cursos de Licenciatura em Arte há poucas disciplinas sobre crianças e suas infâncias. Este quadro revela descuido em relação a não menos que três aspectos: à formação de profissionais da Educação Infantil – privando-as(os) de conhecer apropriadamente a importância das linguagens artísticas no aprendizado das crianças –, em relação à formação de docentes de Arte – privando-as(os) de conhecer necessidades e especificidades das crianças e suas infâncias – e, em ambos os casos, em relação às próprias crianças. Sobre a preparação docente para se realizar a complexa interrelação entre Arte e Pedagogia, Ana Mae Barbosa (2017, p. 17) afirma:

Na preparação dos professores para o Fundamental I feita nos cursos de Pedagogia falta Arte e na formação dos professores do Fundamental II e Ensino Médio, feita nas Licenciaturas em Artes das universidades, falta Pedagogia, falta a compreensão de como pensa a criança e o adolescente e de como se dá a recepção da imagem em diferentes idades do aprendizado, em diferentes profissões e diferentes culturas.

Como professora de Arte no curso de Pedagogia, com habilitação primeira em Artes Cênicas, pesquisadora deste campo a partir dos anos 1990, abordo o jogo dramático das crianças pequenas desde o ponto de vista da Arte/Educação⁴, campo que indica relações interdisciplinares em seu próprio nome, usando lentes da Pedagogia do Teatro, da Pedagogia da Infância, das pedagogias participativas, ou seja, priorizando o ponto de vista da criança. Isto significa que as reflexões aqui apresentadas são fundamentadas no cerne e nos cruzamentos de fronteiras de áreas, tendo sido escritas especialmente para a revista *Ensino & Pesquisa* na parceria com o “Seminário Internacional Infâncias, Educação e (Re)Existência: pesquisa, práticas e a participação das crianças como atores sociais e de direitos” (I SIERE), que aconteceu em outubro de 2022 por iniciativa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Infâncias, Crianças e Educação Infantil (GEPICEI) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), com debates sobre diversos movimentos que perpassam as infâncias.

⁴ Utilizo o termo “Arte/Educação” com barra e não com hífen, conforme sugere Prof^a. Dr^a. Ana Mae Barbosa no trecho “Aos leitores da 9ª edição” do livro “*Arte/Educação: leitura no subsolo*” (2013), por acreditar que ela produza maior relação dialética e de pertencimento entre as duas áreas.

Devido a este território interdisciplinar no qual pesquisamos, construir métodos significou adotar composições de procedimentos para se compreender questões em processos educacionais. Foi adotada a revisão da literatura em fontes primárias e apresentação de uma palestra, a qual contém uma sugestão de um exercício prático pensado para docentes da Educação Infantil⁵. O levantamento bibliográfico é feito no contexto de uma pesquisa de pós-doutorado e parte de sua análise está aqui apresentada. O campo da atual pesquisa se dá na University of Melbourne, Austrália, e as bases utilizadas foram possibilitadas por esta instituição, sendo elas: ERIC, Academic Search Complete, Education Research Complete, Educational Administration Abstracts, Family & Society Studies Worldwide, SocINDEX with Full Text. Os descritores buscados foram: "dramatic play" OR "pretend play" or "sociodramatic play" OR "role play". Os filtros aplicados foram: título; search modes: Boolean/Phrase; resultados limitados a "Full Text and Peer Reviewed"; tipo de publicação "All Language: English, Portuguese, Spanish"; data de publicação de 2000 a 2022. Foram encontrados 943 resultados que estão em fase de leitura e análise em andamento, sendo aqui ofertados resultados parciais.

Segundo Malheiros (2011) existem diversas formas de se responder a problemas científicos nas ciências humanas, pois há variadas formas de se apreender a realidade, de obter "resposta a determinado fenômeno que acontece em uma situação específica" (MALHEIROS, 2011, p. 23) vivida em instituições sociais que têm a Educação como ponto central. Neste caso, acredita-se na unidade pesquisa-formação por inspiração da tríade proposta por Ana Mae Barbosa (1991) com a abordagem triangular: fazer, fruir, contextualizar (prática, teoria e estudo com reflexão), para que a pesquisa em si não só verifique as situações das realidades, mas construa possibilidades de melhorias nas condições de vida, em contextos colaborativos.

As práticas expressivas de corporalidade, tais como a que foi proposta no vídeo associado a este texto, são caras na construção metodológica a fim de que possamos nos colocar em situação e experimentar o respeito pelas crianças em ação, visando ao desenvolvimento de atitudes respeitadas para com elas. Os métodos de pesquisa ligados à Pedagogia da Infância precisam considerar crianças reais, marcadas pelas condições de vida que engendram infâncias diferenciadas, e não infâncias generalizadas. Isso exige disposição das pessoas adultas a mover-se de lugares estagnados, a respeitar além do

⁵ Para assistir às palestras e oficinas: <https://sites.google.com/uenp.edu.br/Isiere>

discurso ou de declarações de princípios, modificando seus gestos, dotados de dimensão relacional, social e afetiva.

Ideias-chave: definição de jogo dramático

O jogo dramático é um tipo de brincar que se configura como um comportamento de simulação – no sentido de imitação, semelhança, reprodução não literal – de realidades vividas, em uma atividade consciente, conhecida por ser o agir “como se”. Ele acontece quando as crianças adotam papéis imaginários, aproveitando seus saberes, experiências, perspectivas e valores de suas famílias e comunidades (BARRS, BARTON, BOOTH 2012; BOOTH, 2005; ALTIDOR-BROOKS, MALEC E PETERSON, 2020).

Em relação às faixas etárias, conforme pesquisas de Milda Brėdikytė; Agnė Brandišauskienė; Giedrė Sujetaitė-Volungevičienė (2015), estágios iniciais de faz de conta podem ser observados em brincadeiras de crianças pequenas (1,5 a 3 anos); nas crianças de 4 a 5 anos o nível de brincadeiras de faz-de-conta é maior; e as pré-escolares (6 e 7 anos) estão envolvidas em formas mais elaboradas. As autoras afirmam que a “dinâmica do desenvolvimento da brincadeira é estatisticamente significativa e dependente da idade: quanto mais velha a criança, maior o nível de brincadeira que ela pode alcançar em todos os parâmetros do faz de conta.” (BRĒDIKYTĒ; BRANDIŠAUSKIENĒ; SUJETAITĒ-VOLUNGEVIČIENĒ, 2015, p.184).⁶

Para Vigotski este jogo também se manifesta desde a mais tenra idade, por meio do qual a criança expressa inquietações próprias que traz da sua vida na família e nas demais instituições em que convive, com grande destaque para o exercício da alteridade. Considerando a perspectiva teórica da psicologia histórico-cultural, trata-se de uma atividade criadora de enorme complexidade, desenvolvida por crianças não universalizadas, mas sim nos seus contextos historicamente, geograficamente, socialmente e culturalmente datados (VIGOTSKI, 2018).

É “agir como se” estivesse na situação de um outro, sendo esse outro conhecido pela criança de suas experiências anteriores, sendo na verdade “outros”, segundo Vigotski. Para este autor a criança é um sujeito social, inserida em um meio sociocultural e que tem relação dialética com diversas configurações de outros: o outro real, outro

⁶ Tradução da autora. Do original: “The dynamics of play development is statistically significant and is age dependent: the older the child, the higher level of play he / she could achieve in all parameters of pretend play.”

imaginário, outro simbólico, outros tantos elementos da cultura. Tudo o que a criança pequena presencia em sua vida, poderá levar para uma situação de faz de conta, reproduzindo o que teve oportunidade de observar ou ver, como uma “capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação” (VIGOTSKI, 2018, p. 19).

Este jogo recebe uma variedade de nomenclaturas a depender das pesquisas, como por exemplo: expressão dramática, jogo de papéis, brincadeira de faz de conta, jogo de fantasia, jogo socio dramático. Toda nomenclatura é carregada de valores e de sentidos, sendo que este último termo é utilizado por certas(os) pesquisadoras(es) que consideram que “socio dramático” seja uma forma mais avançada de jogo dramático porque, ao contrário do jogo dramático que pode ser de natureza solitária, o jogo socio dramático seria caracterizado por envolver a interação entre duas ou mais crianças na representação de papéis de faz de conta e comportamentos associados.

Outras(os) pesquisadoras(es), dentre as(os) que me incluo, não fazem essa diferenciação por compreenderem que o elemento social e cultural nunca é ausente deste jogo. Ageliki Nicolopoulou (2018) comenta que às vezes o faz de conta social (também chamado de jogo socio dramático) é visto como um subconjunto da categoria mais ampla de brincadeira de faz de conta, mas os limites dessas conceituações são fluidos e ambíguos tanto na pesquisa quanto na prática. As brincadeiras sociais envolvem crianças de aproximadamente até seis ou sete anos de idade, encenando fantasias ou cenários cotidianos em cooperação paralela, semiparalela ou total com outras pessoas – às vezes com adultos, mas geralmente com pares. Para esta autora a brincadeira de faz de conta solo em que crianças estão reencenando fatos sociais ou valendo-se de recursos e modelos simbólicos culturalmente disponíveis para criar contextos simples ou complexos podem ser consideradas socio dramáticas.

O brincar, de modo geral, é entendido como uma prática cultural, na qual o que as crianças fazem é influenciado por fatores sociais, históricos e culturais mais amplos. O brincar dramático, em específico, é tido como um ato criador de teor cultural muito forte porque os temas, os papéis assumidos pelas crianças, a construção de narrativas que elas realizam são sempre culturalmente baseadas. Durante a brincadeira dramática as crianças imaginam e encenam o papel de uma pessoa, uma personagem da ficção ou de uma criatura, geralmente com ajuda de objetos, brinquedos e variadas materialidades, por períodos curtos ou longos, a depender inclusive da oportunidade que lhes é dada.

Do que se utiliza? Materialidades do jogo dramático

O jogo dramático é uma imersão imaginativa em um mundo lúdico construído pela criança, que pode contar com diferentes veículos: brinquedos, objetos não estruturados, objetos reais de uso cotidiano, elementos da natureza, o próprio corpo, companheiros imaginários, imagens, palavra, narrativa.

Harris (2000) delineou três tipos de jogo de papéis que diferem dependendo do veículo usado para o personagem/papel imaginado. A primeira é ter um objeto personificado, quando a criança cria e encena um papel que é projetado em uma boneca ou brinquedo que serve de veículo para corresponder às ações dos papéis. A segunda é ter uma identidade de simulação, quando a criança representa ou personifica um personagem imaginado usando a si mesma como veículo. A terceira é ter um companheiro imaginário, quando a criança inventa uma criatura ou pessoa invisível sem o uso de nenhum adereço tangível para servir de veículo. Ela se envolve em uma forma de dramatização sustentada por personagens imaginários, cuja identidade se mantém estável ao longo de vários meses e que se torna uma espécie de companhia para a criança.

Durante o jogo, as crianças também realizam ações lúdicas com objetos que podem não ter relação direta com o objeto a que se referem, com ações não-literais, substituindo um objeto por outro, dando base para o desenvolvimento do pensamento abstrato durante a criação de narrativas.

Conforme Milda Brėdikytė; Brandišauskienė, Agnė; Sujetaitė-Volungevičienė (2015), em termos de construção de narrativas, no início as crianças brincam de simples repetições de eventos cotidianos, depois começam a improvisar misturando episódios diários com aventuras e, finalmente, passam para a mistura com eventos mágicos/fantásticos.

A criança manipula livremente os elementos do drama, como os papéis, lugares, tempos, símbolos, tensão e, igualmente as palavras, enriquecendo seu vocabulário ao criar um mundo dramático: conforme Dunn (2008) as crianças são dramaturgas. Muitas pesquisas, tais como a de Nicolopoulou e Ilgaz (2013), se voltam com atenção cuidadosa às conexões entre jogo dramático e palavra, oferecendo evidências dos efeitos benéficos do jogo de faz-de-conta para a evolução da inteligência narrativa (que é uma compreensão simbólica). Certos trabalhos se interessam pelo tema devido a terem sido reconhecidos benefícios da brincadeira de faz de conta para a promoção das habilidades narrativas das crianças. Este é um tipo de brincar que ajuda a estabelecer as bases para a aquisição de

alfabetização, o que significa um sucesso acadêmico a longo prazo. Entretanto, estas são expectativas adultas.

Interessa mais na narrativa intrínseca ao jogo dramático a apropriação pela criança dos fatos, das vicissitudes humanas, a mistura que faz disso com seu imaginário, produzindo narrativas situadas no seu tempo e lógicas próprias, construindo outras tramas e soluções possíveis – as quais contudo, adultos em estado de urgência e pressa, não serão capazes de perceber e podem depreciar, desmerecer e inferiorizar.

A apropriação pela criança cria um jogo disruptivo com as soluções adultas, propondo outros argumentos e daí surgindo com a possibilidade de enriquecimento de vocabulário, de aprendizado de mais palavras, formas de se expressar verbalmente, por meio da possibilidade de se expressar. As palavras nascem de forma orgânica, pois emergem da integração emocional, do corpo presente, da presença, de ações que acontecem em comunhão interno com o externo (que são princípios do Teatro), que nascem de inquietudes próprias, de uma ação viva que a criança cria e é sujeito da mesma. Ao assumir o papel de protagonista das personas sobre as quais reflete, criando uma forma especial de interação comunicativa, a criança desfruta e compartilha experiências inaugurando palavras.

Em oposição, se a criança for forçada a falar palavras que não são suas, como criticou Vigotski em relação ao comportamento artificial imposto às crianças de reproduzir formas de teatro adulto “quando há imposição de um texto que lhes é estranho” (VIGOTSKI, 2018, p. 101), a capacidade narrativa poderá não mais estar sendo exercitada, pois ela estará somente repetindo o que lhe foi ordenado e não pensando de forma criativa.

O que crianças pequenas estão aprendendo durante o jogo dramático

A dramatização pode ocorrer quando as crianças, pré-verbais e verbais, brincam sozinhas ou com um parceiro adulto, sendo mais frequente quando brincam com outras crianças. As crianças adotam papéis variados, mas é comum que ocorram papéis relacionados – como mãe e bebê, motorista e passageiro, cozinhar e alimentar. Com isso, esse jogo requer considerável flexibilidade e sensibilidade, pois as crianças aprendem a cooperar com sucesso umas com as outras (NICOLOPOULOU, 2018).

Sob o mesmo ponto de vista de pesquisas aqui mencionadas, penso que seja enganoso ver o jogo de faz-de-conta como uma atividade individual que se desenvolve

em uma atividade sócio relacional. Em vez disso, vejo a brincadeira de faz-de-conta como ação simbólica profundamente sociocultural que acessa aspectos cognitivos, emocionais, interpretativos e relacionais nascentes das crianças em contextos variados. Reforçando essa ideia, a teoria de Vigotski trata o jogo dramático como uma atividade essencialmente social, o que significa não apenas uma atividade interativa, mas também cultural e imaginativa. Para este autor, o jogo dramático é um fazer criador compartilhado mesmo quando uma criança brinca sozinha, pois seus temas, papéis e cenários encenados envolvem a apropriação de material sociocultural pela criança, que os apreende e recria.

Outro aprendizado a ser observado é a respeito das várias combinações de ações que o faz de conta promove por meio de movimentos corporais. Por exemplo, movimentos circulares de braço e mão podem representar a ação de dirigir um carro, a manipulação de um bloco pode representar o carro em si, verbalizações podem representar o zumbido de um veículo em movimento. São incorporadas distorções de “duplo conhecimento”, ou seja, conhecimento tanto das propriedades reais como das imaginadas de situações e objetos. É uma situação em que a criança conhece claramente a diferença entre o estado real das coisas e as situações não reais que estão simulando ou encenando (NICOLOPOULOU, 2018).

Essa intenção consciente e uma consciência tanto da realidade fingida quanto da realidade real é um exercício de representação simbólica da criança pequena que segue aprendendo durante o jogo dramático pelas oportunidades de experimentar de forma segura uma grande variedade de “eus” como parte do processo de formação de identidade.

Pesquisas preocupadas com o aprendizado por meio de brincadeiras sociodramáticas, verificaram que as crianças podem desenvolver uma série de habilidades cognitivas, incluindo tomada de perspectiva, compreensão cultural e resolução de problemas. Claudia González-Moreno (2015, 2022), que investiga como se forma a função simbólica por meio do jogo temático de papéis sociais por crianças pré-escolares, observou o aprendizado complexo da função simbólica e, dentre outras, evidenciou: mudança na atitude em relação à aprendizagem; aumento da participação nas aulas com amplo interesse e motivação para a atividade escolar; efeito emocional positivo com maior estabelecimento de laços sociais entre as crianças, aprendizado da capacidade de trabalhar em conjunto em busca de um objetivo, aumento da riqueza lexical (GONZÁLEZ-MORENO, SOLOVIEVA e QUINTANAR-ROJAS, 2009).

Para esta pesquisadora, por meio da dramatização a criança assimila a essência das relações sociais e tem benefícios de aprendizado emocional, o que impacta em sua

personalidade reflexiva. É uma atividade organizadora da atividade cognitiva da criança, definida por uma capacidade de reformular o próprio pensamento, o que leva a refletir sobre o próprio comportamento e as ações dos outros (GONZÁLEZ-MORENO, 2015). Para ela, a característica de exercitar pensamento reflexivo possibilita que a criança seja inserida em relações sociais autênticas, reelaborando suas ideias (representações mentais) por meio da linguagem. Além disso, novos conteúdos de ideias são gerados de acordo com os temas e os papéis representados e a criança tem maiores oportunidades de se conhecer (GONZÁLEZ-MORENO, SOLOVIEVA e QUINTANAR-ROJAS, 2014).

Considerações finais

O jogo dramático da criança pequena é baseado na imaginação, na apropriação das culturas pela criança, exige ações do mais alto nível, tem uma estrutura narrativa dentro da qual se assume papéis diferentes, permitindo às crianças um processo de exploração ativa, experimentando e refletindo. Motivadas pelos temas do seu cotidiano, envolvidas em participação intensa e estabelecendo interações significativas, as crianças encontram neste brincar um modo de co-construção de significados para suas experiências de vida com os outros. Constroem narrativas lúdicas, se reconhecendo como identidades culturais com vozes próprias.

Quando os conceitos são estudados no corpo vivido, os diálogos entre Pedagogia do Teatro e Pedagogia da Infância são muito mais frutíferos por aproximarem o(a) professor(a) da criança, criando cruzamentos de saberes, com abordagem multidisciplinar das infâncias. A crítica às abordagens tradicionalistas de crianças como “seres em transição”, definidas pelo que não são, a partir de olhares adultocêntricos, passam a acontecer nos fazeres, nas práticas pedagógicas crítico-reflexivas, por meio de um deslocamento do foco da ação adulta para a ação simbólica da criança. Este texto convida a que o aprendizado aconteça por meio do jogo/do brincar, minimizando relações hierárquicas, fazendo um combate implacável a modelos engessados de Educação como instrução, que dentre outras coisas, homogeneízam as crianças.

Compreender e saber trabalhar com o jogo dramático é uma das ações envolvidas na tarefa de proporcionar às crianças o direito de “ser criança”, de participação democrática e de aprender sem tensão e sem estresse. As pesquisas aqui mencionadas constatam que crianças que têm seu direito respeitado de experienciar o jogo dramático em seus modos complexos, se tornam mais fortalecidas, devido a uma relação intrínseca

entre a possibilidade de refletir brincando e seu nível geral de aprendizado. É um convite à observação docente atenta dos temas e conhecimentos das crianças, visando à criação de mais oportunidades de valorização de seus pontos de vista. Que nas escolas de Educação Infantil as vozes das crianças sejam presentes, tal como na abertura do ISIHERE⁷ quando o coral de crianças cantou a música de Martinho da Vila “Canta Canta, Minha Gente”, convidando-nos à esperança: “Deixa a tristeza pra lá / Canta forte, canta alto / Que a vida vai melhorar”.

Referências

ALTIDOR-BROOKS, Alison; MALEC, Alesia; PETERSON, Shelley Stagg. Young children’s use of narrative strategies and the role of the teacher as side coach in dramatic play. **Education** 3-13, 48:6, 2020, p. 661-673, DOI: 10.1080/03004279.2019.1641538 Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03004279.2019.1641538> Acesso em: 21 Outubro 2022.

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação é Arte e Pedagogia. In: LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de. **Arte e Pedagogia: a margem faz parte do rio**. São Paulo: Porto de Ideias, 2017, p. 17-37.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. 1a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARRS, Myra; BARTON, Bob; BOOTH, David. **This book is not about drama: it’s about new ways to inspire students**. Markham, ON: Pembroke Publishers, 2012.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, Tizuko Morchida (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2005, 57-71.

BOOTH, David. **Story drama: creating stories through role playing, improvising, and reading aloud**. Markham, ON: Pembroke Publishers, 2005.

BRĒDIKYTĖ, Milda; BRANDIŠAUSKIENĖ, Agnė; SUJETAITĖ-VOLUNGEVIČIENĖ, Giedrė. The Dynamics of Pretend Play Development in Early Childhood. **Pedagogy Studies / Pedagogika**. vol. 118, Issue 2, 2015, p. 174-187. DOI: 10.15823/p.2015.013. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=sso&db=ehh&AN=111447890&site=ehost-live>. Acesso em: 7 nov. 2022.

CORSARO, William. A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças. Educação, Sociedade e Cultura: **Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação**, Porto, v. 17, 2002, p. 113-134. Disponível em: <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf> Acesso em: 06. Nov.2022.

⁷ Disponível no canal [GEPICEI UENP-CJ](https://www.youtube.com/watch?v=C9WOXtdSRbg) em: <https://www.youtube.com/watch?v=C9WOXtdSRbg>

DUNN, Julie Patricia. Play, Drama and Literacy in the Early Years. In: **Desirable Literacies: Approaches to Language and Literacy in the Early Years**, edited by J. Marsh and E. Hallett, London: Sage, 2008, p. 162–182. Disponível em: <https://research-repository.griffith.edu.au/handle/10072/21930?show=full> Acesso em: 21.set.2022

ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, 2018, p. 11-39. DOI: 10.22456/1984-1191.85241. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/85241>. Acesso em: 06 nov. 2022.

GONZÁLEZ-MORENO, Claudia Ximena. Importancia del juego temático de roles sociales en la edad preescolar. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos** (México), LII(1), 2022, p. 299-319. ISSN: 0185-1284. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27068693011> Acesso em: 23 de Octubre de 2022.

GONZALEZ-MORENO, Claudia Ximena. Formación de la función simbólica por medio del juego temático de roles sociales en niños preescolares. **Rev. Fac. Med.**, Bogotá, v. 63, n.2, p.235-241, Apr. 2015. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-00112015000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Oct. 2022. <https://doi.org/10.15446/revfacmed.v63n2.47983>.

GONZÁLEZ-MORENO, Claudia Ximena; SOLOVIEVA, Yulia; QUINTANAR-ROJAS, Luís. La actividad de juego temático de roles en la formación del pensamiento reflexivo en preescolares. **Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación** 2(3), 2009, p. 173-190.

GONZALEZ MORENO, Claudia Ximena; SOLOVIEVA, Yulia; QUINTANAR ROJAS, Luís. El juego temático de roles sociales: aportes al desarrollo en la edad preescolar. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v.32, n.2, Aug. 2014, p.287-308. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Oct. 2022.

HARRIS, Paul L. **The work of the imagination**. Oxford: Blackwell, 2000.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. A expressão dramática da criança transborda e provoca as pedagogias. In: DOMÍNGUEZ, Mario Mogrovejo; MARTINS, Mirian Celeste; MIRANDA, Fernando (editores). **Grietas y provocaciones**. Congreso Regional InSEA América Latina 2021, Cusco, Peru, 2002a, p. 504-513. Disponível em: <https://www.insea.org/insea-publications-2-2/> Acesso em: 06.nov.2022

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. (Des)Educação do corpo pelas artes na formação de pedagogas(os). **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1 n. 43, abr. 2022b. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0107>

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. O brincar na formação inicial de pedagogos. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos (orgs.).

Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade: pesquisa em educação. São Paulo: Cortez, 2016, p. 125-150.

LOPES, Joana. **Pega Teatro**. 3 ed. Bragança Paulista - SP: Urutau, 2017.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia de Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Um fio narrativo de histórias: professoras pioneiras das Artes Visuais no curso de Pedagogia. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 116-132, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.96953>

NICOLOPOULOU, Ageliki. Pretend and Social Pretend Play: Complexities, Continuities, and Controversies of a Research Field. In Peter K. Smith, Jaipaul L. Roopnarine. **The Cambridge Handbook of Play: Developmental and Disciplinary Perspectives**. Cambridge University Press, 2018, p. 183-199.

NICOLOPOULOU, Ageliki, ILGAZ, Hande. What do we know about pretend play and narrative development? A response to Lillard, Lerner, Hopkins, Dore, Smith, and Palmquist on “The impact of pretend play on children’s development: A review of the evidence”. **American Journal of Play**, 6(1), 2013, p. 55–80.

NÓVOA, António. Reflexões sobre a expressão dramática. **Revista de animação sócio-cultural**. Lisboa, nº 13, set./out. 1979, p. 1-16.

NÓVOA, António. Uma Pedagogia à Flor da Pele: da expressão dramática ao teatro e vice-versa. In: **Percursos - Cadernos de Arte e Educação nº1**, Setembro/1989, p. 5-16.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Para desembaraçar os fios. **Educação e Realidade**, v. 30, jul/dez 2005, 217-228. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12462> Acesso em: 22 dez 2021.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Atividade simbólica na infância e abordagens do teatro no meio escolar: convergências e incompatibilidades. In: **O percebejo online**, Rio de Janeiro, UNIRIO, 2009 Vol. 1, n.2, 2009, p. 1-8. Disponível em: <http://www.propg.unirio.br/cla/ppgcla/ppgeac/processos-seletivos-discentes/2018/bibliografia/santos-vera-lucia-bertoni-dos.-atividade-simbolica-na-infancia-e-abordagens-do-teatro-no-meio-escolar-convergencias-e-incompatibilidades> Acesso em: 22 dez 2021.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento:** do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1978.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Submissão: 07/11/2022. **Aprovação:** 20/03/2023. **Publicação:** 31/03/2023.